

Manifesto Feminista 1

“Al compás compañeras, al compás, esta es nuestra pena y nuestra lucha, al compás compañeras, al compás, este es nuestro fuego.”

Pascuala Ilabaca

PORTUGUÊS / ESPANHOL

Editora Luas/Brasil – América Latina Toda Feminista – nº01 – Abril de 2021

Vegana e ecofeminista, sim!

Por Patrícia Lessa¹

Antes de ser acadêmica eu já era ativista, antes de ser educadora ou doutora havia me tornado feminista. A Universidade fortaleceu o que eu sou desde muito jovem, quando precisei ir para a rua trabalhar. Quero alertar: este é um manifesto ecofeminista, vegano e antifascista.

Em 2017, fui brutalmente atacada por uma aluna bolsonarista, na época eu ministrava as disciplinas *Corpo, Gênero, Educação e Educação Ambiental*, ambas na Pedagogia à distância. Muitas vezes movida pela paixão que anima meu trabalho como educadora feminista, dedicava 12 horas de labuta, ou mais, de domingo a domingo. Naquele ano, meu feminismo foi reduzido à pecha de “aborteira”, minha luta ecofeminista foi deturpada e nomeada de ecoterrorismo e meu veganismo, luta pela dignidade e direitos das pessoas não humanas (utilizo a terminologia cunhada por Barbara Smuts no livro de Coetzee, *A vida dos animais*), foi, criminosamente, sugerido tratar-se de zoofilia. Nem preciso dizer que sofri, lutei a luta das guerreiras justas e venci, ela pagou centavo por centavo pelo que escreveu na plataforma *Moodle* e pela

¹ Educadora feminista, ativista ecovegana, agricultora e criadora do projeto Pomar Vó Nena. Escreve, organiza livros, coletâneas feministas e ecoveganas, trabalhos acadêmicos e didáticos. Atua no ensino universitário presencial e à distância, formal, informal e popular. Graduada em Educação Física e em História.

perseguição e ameaças perpetradas contra mim nas redes sociais e no departamento onde eu trabalho.

Sou feminista vegana e abomino a comparação entre o servilismo voluntário (terminologia usada por Maria Lacerda de Moura) do povo brasileiro e o gado. O gado é exterminado diariamente em massa para engordar a pança e o bolso dos agronegociantes, que pagaram fortunas para deixar a “boiada passar”, não se iludam, especistas! O Golpe contra a Presidenta Dilma Rousseff foi bem pago para, dentre outras coisas, aumentar os campos de morte. Em 2020, o mundo assistiu atônito aos crimes ambientais antes anunciados na reunião presidencial, na ocasião foram dizimadas milhares de espécies, atacados covardemente os direitos dos povos da floresta, de quilombolas, dos direitos ambientais, de pequenos agricultores, que sabem o valor do gado, que não é o mesmo que ressoa na boca dos especistas, que na verdade são adoradores do sangue alheio.

As mulheres, ao sabor da poesia, criam narrativas antiespecistas, conheci um dos poemas de Elisa Lucinda, *Aviso da lua que menstrua*, através da performance de Patrícia Giseli, cito um trecho:

E aí quando quer agredir/Chama de vaca e galinha./São duas dignas vizinhas do mundo daqui!/O que você tem pra falar de vaca?/O que você tem eu vou dizer e não se queixe:/Vaca é sua mãe, de leite./Vaca e galinha.../Ora, não ofende. Enaltece, elogia:/Comparando rainha com rainha/Óvulo, ovo e leite/Pensando que está

agredindo/Que tá falando palavrão imundo. /Tá, não, homem. /Tá citando o princípio do mundo!

As pessoas não humanas foram abordadas nas obras das feministas que, por empatia às pessoas não humanas, tornaram-se vegetarianas e antivivisseccionistas desde os séculos XIX e XX. Um exemplo, no Brasil, foi a feminista libertária mineira Maria Lacerda de Moura, que escreveu:

Si como carne, que de baixezas, que de perversidade acumulada pela hereditariedade, e quanto preconceito foi preciso inventar para desculpar ao nosso instinto sanguinário de canibais a sacrificar o animal. E nos alimentamos de cadáveres fumegantes, condimentados de ódio e de revolta.

As minhas parcerias feministas eu escolho por afinidades e afetos. Os desafetos? Sigo minha jornada e deixo para trás, esquecidos na poeira do tempo. Na mesma época, sofri e vi companheiras sofrerem ataques até bem mais covardes que o da aluna bolsonarista que destilou seu ódio contra mim em uma sala de aula virtual. Crimes de ódio propagados nas redes sociais viraram uma cena comum na era bolsonarista. Na mesma época, fui atacada por gente que se dizia ativista, mas usa as redes sociais, na surdina, para destilar veneno e animar o circo de horrores dos que odeiam e fazem do ódio um ato pseudopolítico ou mesmo para resolver seus desafetos.

Ecoterrorista eu nunca fui, desde a criação da disciplina *Educação Ambiental*, estudo, escrevo e trabalho de sol a sol; além disso, já levantei pomares, colhi frutos para alimentar pessoas humanas e não humanas, aro a terra para fazer hortas, floreiras e herbários. Vi muito doutor e doutora falar que o veneno é a solução, graças à Deusa estou viva para ver uma jovem nomeada Greta Thunberg sacudir o mundo e mobilizar a juventude global no *Friday For Future*. Com o avanço do bolsonarismo, choro pelas irmãs e irmãos ambientalistas que estão sendo dizimados como as abelhas nas plantações de veneno e sangue, e por elas e eles levanto as bandeiras ecologistas sim!

Zoofilia é o tipo de argumento bolsonarista, pois tudo é levado para a ordem sexual, não por acaso vimos cair a máscara da pastora “Flor mau cheirosa”. Quero estar em pé quando forem revelados os podres da Ministra da Família e dos bons costumes, ninguém torna-se tão avesso à libertação sexual sem esconder alguma tara, um desequilíbrio ou uma aberração qualquer. A aluna acusadora, por exemplo, descobri na plataforma Projudi, apesar de dizer-se uma evangélica temente a Deus, acumulava crimes, dentre eles: estelionato e violência física contra uma colega grevista em frente à escola onde ambas trabalhavam.

Aborteira é um xingamento comum por parte de hipócritas machistas, mulheres morrem todos os dias em abortos clandestinos sustentando açougueiros diplomados. Gostem ou não continuaremos lutando pela legalização do aborto e criminalização das clínicas clandestinas. No meu

livro *Amor e Libertação em Maria Lacerda de Moura*, mariam pessah, no *Prefácio*, lembrou a frase de Flora Tristan: “deixa passar uma injustiça e estarás criando milhares”.

Como ativista tenho engrossado as fileiras, e de mãos dadas com as minhas irmãs negras, lesbianas, veganas, latinas, indígenas, campesinas, ecologistas, animalistas, mães, libertárias, feiticeiras, macumbeiras, trans e toda ordem de dissidentes do patricapitalismo, com elas tenho lutado para estourar cativeiros e abrir portas e janelas. Como me ensinou Hékate, ando em matilha ao pôr-do-sol. Em minhas veias corre o sangue de minha avó benzedeira e curandeira. Trabalho pela cura, pela minha cura, pela cura de Gaia, Pachamama, Mãe Terra, da minha irmandade, pela cura das minhas amigas e das inimigas, luto para que estas últimas saiam da mediocridade, luto para que elas se livrem do fascismo, do bolsonarismo, do anti-feminismo, da mentira, da calúnia e da covardia e comecem a arregaçar as mangas, como na imagem de um de nossos símbolos criados nos anos 1940: “você também pode!”

Não tenho medo de viver, corro em matilha pelas pradarias, meu grito é forte como o rugido de uma leoa. Podem até me bater, caluniar, esfaquear pelas costas, mas jamais irão me calar nem me apagar. O que fiz, o que faço está escrito há décadas, como historiadora eu escrevo minha própria história. Luto o combate justo, como educadora física fui forjada no ringue, no tatame, no octógono. Me orgulho em dizer: nunca joguei o jogo da surdina, na *fake news*, da facada pelas costas ou do espancamento virtual. Sobre o termo,

escrevi recentemente no *Prefácio* do livro comemorativo dos 10 anos do Nudissex, a convite da amiga e colega Eliane Maio.

Não tenho tempo a perder, sou filha de Démeter! Já ergui pomares, arei a terra, plantei em roças e hortas, planto flores para alimentar abelhas, eu faço meu próprio herbário para ajudar na cura da minha irmandade. Minhas ancestrais foram queimadas em piras, e em nome de cada uma delas levanto a minha voz. Sou filha do mar, Abê-Iemanjá é a minha Mãe. Se for preciso, serei Tsunami a levar tudo por diante. Como Ártemis, meu alvo é certo – meus inimigos são os fascistas de ontem e os de hoje, os ditadores, os estupradores, os racistas, os patricapitalistas, os falsos cristãos, os especistas, os moralistas...

Meu feminismo veio do berço e foi lapidado lendo mulheres, as pioneiras e as de agora, meu feminismo não nasceu em um Congresso Científico. Venho do chão da fábrica, já fui costureira, cozinheira, garçoneiro, com muito orgulho, por isso não vacilo na minha caminhada. Não sou filha de Eva, na lua minguante fui expulsa com Lilith. Na lua nova desci ao Hades e, de mãos dadas com Hékate, caminhei na longa noite escura. Na lua crescente me banhei nua nas águas do mar, para o sal da Terra curar as minhas chagas e me embalar nas ondas quentes e acolhedoras de minha Mãe Abê-Iemanjá. Na lua cheia eu já estava pronta para outras batalhas.

Quando eu escrevo, a tinta vermelha da minha caneta não é sangue, é a lava de um vulcão! Sou Katrina, que com sua lava queima a superfície da Terra para avisar a humanidade

que Pachamama é maior e mais forte. Gaia está em chamas, está doente, pois a humanidade está doente, *Nossa casa está em chamas*, como ensinou a jovem Greta, dando aula para muito doutor, jurista ou político que faz vista grossa diante dos crimes ambientais. Acordem!!! Ou o próximo animal extinto será o humano.

Eu solto o verbo sim! Nem a guarda pretoriana conseguiu me calar me ameaçando ou roubando o meu carro... Naquela ocasião, junto da irmandade do Baque Mulher, segui tocando tambor em homenagem àquelas que vieram antes de mim, lutaram e morreram em combate para que todas nós chegássemos até aqui.

Sejamos todas feministas!, como propôs Chimamanda. Atendam ao chamado, minhas irmãs e meus irmãos, os tambores de Pachamama já retumbam há tempos! O livro *Pandemia e Agronegócio*, de Rob Wallace, e outros tantos livros e vozes alertam para os perigos das grandes fazendas de extermínio de pessoas não humanas, sobre os perigos de acreditar que veneno e transgênico são alimentos, os perigos de acreditar que a humanidade pode consumir, matar e destruir sem que as consequências se revertam em doenças, como a que estamos tentando decifrar. Se você cansou de ficar em casa, pense nas pessoas não humanas aprisionadas, durante toda a sua breve vida, em cativeiros de sangue e de dólar.

Sobre a *Mulher*, poetizou Nísia Floresta Brasileira Augusta, texto reimpresso pela editora feminista Luas no Livro “Ensaio”:

E liberdade ateia
Nos negligentes peitos;
E na arada Terra
O marte latino altivo campeia
Do escuro pelos tórridos confins,
Assim à eterna Roma
Que em duros ócios jaz
Femíneo fado aviva uma vez mais.

Para concluir:

MARIELLE, PRESENTE!

Vegana y ecofeminista, ¡sí!

Por Patricia Lessa¹

Antes de ser académica yo ya era activista, antes de ser educadora o doctora, yo ya me había vuelto feminista. La Universidad fortaleció lo que soy desde muy joven, cuando necesité salir a trabajar. Quiero alertar: este es un manifiesto ecofeminista, vegano y antifascista.

En 2017 fui brutalmente atacada por una alumna bolsonarista, en la época yo daba las materias Cuerpo, Género, Educación y Educación Ambiental, ambas en la Pedagogía a distancia. Muchas veces movida por la pasión que anima mi trabajo como educadora feminista, dedicaba 12 horas de trabajo, o más, de domingo a domingo. En aquel año, mi feminismo fue reducido al mote de “abortera”, mi lucha ecofeminista fue tergiversada y llamada de ecoterrorismo y mi veganismo, que lucha por la dignidad y derechos de las personas no humanas (utilizo la terminología cuñada por Barbara Smuts en el libro de Coetzee, La vida de los animales), fue, criminalmente, sugerido tratarse de zoofilia. Ni preciso decir que sufrí, encaré la lucha de las guerreras justas y vencí. Ella pagó centavo por centavo por todo lo que escribió en la plataforma Moodle y por la persecución y

¹ Educadora feminista, activista ecovegana, agricultora y creadora del proyecto Pomar Vó Nena. Escribe, organiza libros, coletáneas feministas y ecoveganas, trabajos académicos y didácticos. Actúa en la enseñanza universitaria presencial y a distancia, formal, informal y popular. Graduada en Educación Física y en Historia.

amenazas perpetradas contra mí en las redes sociales y en el departamento donde trabajo.

Soy feminista vegana y abomino la comparación entre el servilismo voluntario (terminología usada por Maria Lacerda de Moura) del pueblo brasilero y el ganado. Las vacas son exterminadas diariamente en masa para engordar la panza y el bolsillo de los agronegociantes, que pagaron fortunas para dejar la “boiada passar”², no se engañen, especistas! el Golpe contra la Presidenta Dilma Rousseff fue muy bien remunerado para, entre otras cosas, aumentar los campos de muerte. En 2020 el mundo asistió atónito los crímenes ambientales anunciados anteriormente en la reunión presidencial, en la ocasión, fueron diezmillas miles de especies, atacados ferozmente los derechos de los pueblos de la floresta, de quilombolas, de los derechos ambientales, de pequeños agricultores, que conocen el valor del ganado, que no es el mismo que resuena en la boca de los especistas, que en realidad, son adoradores de la sangre ajena.

Las mujeres, al sabor de la poesía, crean narrativas antiespecistas, conocí uno de los poemas de Elisa Lucinda, Aviso da lua que menstrua, a través de la performance de Patrícia Giseli, cito un trecho:

E aí quando quer agredir/Chama de vaca e galinha./São duas dignas vizinhas do mundo

2 N. T: En una reunión con el presidente, el ministro de medio ambiente, se refirió a la terrible situación de la pandemia y el Covid-19 como positivo, diciendo que todo el mundo sólo habla de eso y, mientras tanto, ellos van pasando a boiada, o sea, sus tranfugueadas sin que se noten.

daqui!/O que você tem pra falar de vaca?/O que você tem eu vou dizer e não se queixe:/Vaca é sua mãe, de leite./Vaca e galinha.../Ora, não ofende. Enaltece, elogia:/Comparando rainha com rainha/Óvulo, ovo e leite/Pensando que está agredindo/Que tá falando palavrão imundo. /Tá, não, homem. /Tá citando o princípio do mundo! ³

Las personas no humanas fueron abordadas en las obras de las feministas que, por empatía a las personas no humanas, se volvieron vegetarianas y antiviviseccionistas desde los siglos XIX y XX. Un ejemplo, en Brasil, fue la feminista libertaria de Minas Gerais, Maria Lacerda de Moura, que escribió:

Si como carne, qué de bajezas, qué de perversidad acumulada por la herencia, y cuánto prejuicio fue necesario inventar para disculpar nuestro instinto sanguinario de caníbales a sacrificar lo animal. Y nos alimentamos de cadáveres calientes, condimentados de odio y revuelta.

A mis compañeras feministas, yo las elijo por afinidades y afectos. ¿Respecto a los desafectos? Sigo mi vida y los dejo

3 N. T: Opto por dejar el poema en su lengua original y ofrecer aquí una traducción “rápida”. Aviso de la luna que menstrúa. Y ahí cuando quiere agredir / Llama de vaca y gallina. / ¡Son dos dignas vecinas del mundo de aquí! / ¿Qué tenés para decir de vaca? / ¿Qué tenés?, yo te lo voy a decir y no te quejes: / Vaca es tu madre, de leche. / Vaca y gallina... / Mirá, no ofende. Enaltece, piropea: / Comparando reina con reina / Óvulo, huevo y leche / Pensando que estás agrediendo / Que estás diciendo malas palabras. / No estás, hombre. / ¡Estás citando el principio del mundo!

en el camino, olvidados entre el polvo del tiempo. En la misma época, sufrí y vi compañeras sufrir ataques hasta más violentos que el de la alumna bolsonarista que destiló su odio contra mí en un aula virtual. Crímenes de odio propagados en las redes sociales, se convirtieron en una escena común en la era bolsonarista. En la misma época, fui atacada por gente que se decía activista, pero usa las redes sociales, por atrás, para destilar veneno y animar el circo de horrores de los que odian y hacen de este sentimiento un acto pseudopolítico o, inclusive, para resolver sus desafectos.

Ecoterrorista yo nunca fui, desde la creación de la materia Educación Ambiental estudio, escribo y trabajo de sol a sol. Yo ya planté muchos árboles, coseché frutos para alimentar personas humanas y no humanas, aro la tierra para hacer huertas, florales y herbarios. Vi mucho doctor y doctora decir que el veneno es la solución, gracias a la Diosa, estoy viva para ver una joven llamada Greta Thumberg sacudir al mundo y movilizar a la juventud global en Friday For Future. Con el avance del bolsonarismo, lloro por mis hermanas y hermanos ambientalistas que están siendo decimados como abejas en plantaciones de veneno y sangre, y por ellas y ellos levanto las banderas ecologistas, ¡sí!

Zoofilia es el tipo de argumento bolsonarista, para ellos, todo pasa por el orden sexual, no por casualidad, vimos caer la máscara de la pastora “Flor que apesta”⁴. Quiero estar de pie cuando sean reveladas las podredumbres de la Ministra

4 N. T: aquí la autora está parafraseando el caso de una pastora, cuyo nombre es Flor de Lis, que mató al marido y tenía sexo con sus hijos adoptivos.

de la Familia y las buenas costumbres. Nadie se vuelve tan en contra de la libertación sexual sin esconder alguna tara, un desequilibrio o una aberración cualquiera. La alumna acusadora, por ejemplo, descubrí en la plataforma Projudi, que a pesar de decirse evangélica temerosa de Dios, acumulaba crímenes, entre los cuales estaban: fraude y violencia física contra una colega huelguista en frente a la escuela donde ambas trabajaban.

Abortera es una agresión común por parte de hipócritas machistas, mujeres mueren todos los días en abortos clandestinos sustentando carnicerías diplomadas. Les guste o no, continuaremos luchando por la legalización del aborto y la criminalización de las clínicas clandestinas. En mi libro *Amor e Libertação em Maria Lacerda de Moura, mariam pessah*, en el Prefacio nos recuerda la frase de Flora Tristán: “deja pasar una injusticia y estarás creando miles de ellas”.

Como artista vengo engrosado las filas y estando de la mano con mis hermanas negras, lesbianas, veganas, latinas, indígenas, campesinas, ecologistas, animalistas, madres, libertarias, brujas, macumberas, trans y toda orden de disidentes del patricapitalismo, junto a ellas he luchado para explotar cautiverios y abrir puertas y ventanas. Como me enseñó Hékate, ando en manada al atardecer. En mis venas corre la sangre de mi abuela curandera. Trabajo por la cura, por la mía, por la de Gaia, de Pachamama, Madre Tierra, de mi hermandad, por la cura de mis amigas y de mis enemigas, lucho para que estas últimas abandonen la mediocridad, lucho para que ellas se libren del fascismo, del bolsonarismo, del

anti-feminismo, de la mentira, de la calumnia y de la cobardía y comiencen a arremangarse las mangas, como en la imagen de uno de nuestros símbolos creados en los años 1940: “ivos también podés!”

No tengo miedo de vivir, corro en manada por las praderas, mi grito es fuerte como el rugido de una leona. Podrán pegarme, calumniarme, acuchillarme por la espalda, pero jamás me van a callar ni me van a apagar. Lo que hice y lo que hago está escrito hace décadas, como historiadora, escribo mi propia historia. Trabo el combate justo, como educadora física fui contornada en el ring, en la estera, en el octógono. Tengo orgullo de decir: nunca hice el juego por atrás, de fake news, de la cuchillada por la espalda o de agresión virtual. Sobre el término, escribí recientemente en el Prefacio del libro conmemorativo de los 10 años de Nudissex, por invitación de la amiga y colega Eliane Maio.

¡No tengo tiempo para perder, soy hija de Démeter! Ya planté muchos árboles, aré la tierra, planté en campos y huertos, planto flores para alimentar abejas, hago mi propio herbario para ayudar en la cura de mi hermandad. Mis ancestras fueron quemadas en la hoguera y en nombre de cada una de ellas levanto mi voz. Soy hija del mar, Abê-Iemanjá es mi Madre. Si necesario, seré Tsunami a llevarlo todo por delante. Como Ártemis, mi objetivo es certero – mis enemigos son los fascistas de ayer y los de hoy, los dictadores, los violadores, los racistas, los patricapitalistas, los falsos cristianos, los especistas, los moralistas...

Mi feminismo vino de la cuna y fue naciendo leyendo mujeres, las pioneras y las de ahora, mi feminismo no nació en un Congreso Científico. Vengo del piso de la fábrica, ya fui costurera, cocinera, moza, con mucho orgullo, por eso no vacilo en mi andar. No soy hija de Eva, en luna menguante fui expulsada con Lilith. En luna nueva bajé al Hades y, de la mano con Hécate, caminé en la larga noche oscura. En luna creciente me bañé desnuda en las aguas del mar, para que la sal de la Tierra curase mis llagas y me arrullara entre sus olas calientes y acogedoras de mi Madre Abê-Iemanjá. En luna llena yo ya estaba pronta para otras batallas.

Cuando escribo, la tinta roja da mi lapicera no es sangre, ¡es lava de un volcán! Soy Katrina, que con su lava quema la superficie de la Tierra para avisarle a la humanidad que Pachamama es mayor y más fuerte. Gaia está en llamas, está enferma, porque la humanidad está enferma, Nuestra casa está en llamas, como enseñó la joven Greta, dando clases a muchos doctores, juristas o políticos que se hacen los distraídos delante de los crímenes ambientales. ¡¡¡Despierten!!! O el próximo animal extinto será el humano.

¡Yo suelto el verbo sí! Ni la guardia pretoriana consiguió callarme amenazando o robando mi auto... En aquella ocasión, junto a la hermandad del Baque Mujer, seguí tocando tambor en homenaje a las mujeres que vinieron antes de mí, lucharon y murieron en combate para que todas nosotras pudiéramos llegar hasta acá.

¡Seamos todas feministas!, como propone Chimamanda. Atiendan al llamado, hermanas y hermanos míxs, los tambores

de la Pachamama ya retumban hace tiempo! El libro *Pandemia e Agronegócio*, de Rob Wallace, y otros tantos libros y voces alertan para los peligros de los grandes campos de exterminio de personas no humanas, sobre los peligros de creer que veneno y transgénico son alimentos, los peligros de creer que la humanidad pueda consumir, matar y destruir sin que las consecuencias se reviertan en enfermedades, como la que estamos intentando descifrar. Si te cansaste de estar dentro de casa, pensá en las personas no humanas aprisionadas, durante toda su breve vida, en cautiverios de sangre y de dólar.

Sobre la Mujer poetizó Nísia Floresta Brasileira Augusta, reimpresa por la editorial feminista Luas:

E liberdade atea
Nos negligentes peitos;
E na arada Terra
O marte latino altivo campeia
Do escuro pelos tórridos confins,
Assim à eterna Roma
Que em duros ócios jaz
Femíneo fado aviva una vez mais.⁵

5 Y libertad atea
En los negligentes pechos;
Y en la arada Tierra
El marte latino altivo campea
Desde lo oscuro por los tórridos confines,
Así a la eterna Roma
Que en duros ocios yace
Femíneo fado aviva una vez más.

Para concluir:

MARIELLE, PRESENTE!



Conheça o projeto editorial feminista da
Editora Luas e seu catálogo composto de livros
escritos exclusivamente por mulheres:
www.editoraluas.com.br

Idealização/Edição: Cecília Castro

Tradução para o espanhol: mariam pessah

Projeto gráfico: Letícia Santana Gomes

Diagramação: Daniella Fernandes e

Letícia Santana Gomes

Siga-nos nas redes sociais para acompanhar nossas
publicações:

 @editoraluas

 Facebook/editoraluas

 Editora Luas